



As construções muito próximas ao Lago acabam jogando terra nas águas, contribuindo para sua destruição

Processo de degradação está acelerado

A criação de um lago artificial no local destinado à instalação da Capital da República no Planalto Central já estava prevista há quase cem anos, quando uma comissão exploradora, instituída pelo segundo presidente brasileiro, Floriano Peixoto, para demarcar essa área apresentou essa preocupação entre suas principais sugestões. A comissão, chefiada pelo astrônomo belga Luis Cruls, concluiu que a futura capital deveria ter seu visual e seu ambiente natural amenizados com a existência de um lago.

Quando Brasília começou a tomar forma pela determinação de Juscelino Kubitschek, o seu edital de lançamento incluía a existência do lago, materializado pelos construtores da cidade que assim estavam reconhecendo a importância da sugestão da Comissão Cruls, para amenizar o clima seco dessa região do

Planalto Central. O lago foi efetivamente formado a partir de 1958 transformando parte do sertão do DF em um "pequeno mar", que chegou a ocupar uma superfície de cerca de 40 quilômetros quadrados.

Reservatório — Hoje, seria difícil imaginar Brasília sem o lago, pois além de elementos estéticos, serve como reservatório para geração de energia e a outras finalidades, como irrigação, prática de esporte náuticos e, ainda, receptor de águas das chuvas e de esgotos sanitários de uma população de mais de 560 mil habitantes instalados somente na área urbana da sua bacia.

Nesses 33 anos de existência, entretanto, o lago passou a registrar um acelerado processo de degradação, com a consequente quebra de seu equilíbrio ecológico, causada pelo acúmulo de ma-

teriais orgânicos e nutrientes — resultantes dos esgotos e detritos nele lançados — e de matérias sólidas, como a areia, lama e o lodo carregados para o local pelos ribeirões e córregos e pela própria água da chuva.

Nos locais já inadequados às incursões de banhistas e pescadores, em função da sujeira e má qualidade da água, em alguns anos será inviabilizado o acesso até mesmo dos que ainda se arriscam a passear em lanchas ou pequenos barcos. Nessas áreas, como ocorre nos braços principais, como o do Riacho Fundo e do Bananal, onde também estão as duas principais estações de tratamento de esgoto, em futuro não muito distante, como asseguram especialistas, o próprio sedimento ali em expansão impedirá que essas incursões ocorram.